



## A ESPIRITUALIZAÇÃO DA ANSIEDADE E O ÉTHOS SACERDOTAL NO DISCURSO RELIGIOSO DE UM MANUAL DE ACONSELHAMENTO

Fábio Luiz Nunes (CEFET-MG)<sup>1</sup>

**Resumo:** O discurso religioso constitui um sistema sociodiscursivo de grande complexidade, cuja sacralização dos enunciados e a articulação de elementos linguísticos, históricos e institucionais dão base a modelos de crença e de orientação da conduta. Este estudo objetivou analisar as instâncias de fala em um manual brasileiro de aconselhamento comportamental, gênero conhecido como “literatura de autoajuda”, com ênfase no manejo da ansiedade. Em consonância com a semântica global de Maingueneau (2008a), operacionalizaram-se, para a referida análise, os planos do estatuto do enunciador e do destinatário e do modo de enunciação na obra *Como controlar e vencer a ansiedade?* (Zandoná, 2018). A investigação demonstrou a construção de um *éthos* sacerdotal mediador, sustentado por citações bíblicas e referências teológicas, que hierarquiza a relação entre o enunciador (sacerdote) e o destinatário (fiel), conferindo autoridade a um hiperenunciador divino. Estratégias discursivas mistas, combinando injunções diretas, modalizações deônticas e operadores circunstanciais, revelam a manutenção de uma dicotomia entre fé e descrença, bem como o conservadorismo nos papéis de gênero e a espiritualização do sofrimento psíquico, de modo a reproduzir estruturas de poder simbólico e minimizar abordagens terapêuticas de cunho laico.

**Palavras-chave:** Discurso religioso. Aconselhamento comportamental. Autoajuda. Análise do discurso. Semântica global.

**Abstract:** Religious discourse constitutes a socio-discursive system of significant complexity, wherein the sacralization of statements and the interplay of linguistic, historical, and institutional elements underpin belief models and behavioral guidance. This study aimed to analyze speech instances in a Brazilian self-help book with a focus on anxiety management. Aligned with Maingueneau's (2008a) global semantics framework, the analysis operationalized the planes of the co-enunciators' status and the mode of enunciation in the work *Como controlar e vencer a ansiedade?* (Zandoná, 2018). The investigation revealed the construction of a mediating priestly *éthos*, supported by biblical citations and theological references, which hierarchizes the relationship between the enunciator (priest) and the recipient (believer), thereby attributing authority to a divine hyper-enunciator. Hybrid discursive strategies, combining direct injunctions, deontic modalizations, and circumstantial operators, expose the maintenance of a dichotomy between faith and disbelief, as well as conservatism in gender roles and the spiritualization of mental suffering. These elements reproduce structures of symbolic power while marginalizing secular therapeutic approaches.

**Keywords:** Religious discourse. Behavioral counseling. Self-help. Discourse analysis. Global semantics.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Retórica e Análise do Discurso em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Araraquara e psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. É profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3054450943770058> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br



## 1 Notas introdutórias

A noção de *discurso* configura-se como uma categoria polissêmica, razão pela qual sua operacionalização exige rigorosa delimitação teórica. O linguista francês É. Benveniste (1966, p. 241-242), por exemplo, entende que o discurso é “toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur et chez le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière”.<sup>2</sup> Para Maingueneau (2007), a análise do discurso (AD) acha-se em um campo heterogêneo e instável, marcado pela convergência de disciplinas discursivas que transcendem as fronteiras tradicionais das ciências da linguagem e das ciências humanas. Ivan (2015), nessa mesma direção, sublinha a AD como prática analítica ancorada na tripla articulação entre texto, contexto e interdiscurso, mobilizando a *língua em ação* (Benveniste, *ibidem*) em sua relação constitutiva com condições de produção historicamente situadas. Entretanto, Maingueneau (*ibidem*) adverte que a AD não se reduz a uma extensão da linguística, mas implica uma reconfiguração epistemológica que redefine o discurso como intrincação de um texto e de um lugar social. Nesse sentido, o discurso emerge como processo dinâmico de negociação de identidades e saberes, mediado por dispositivos enunciativos que articulam poder, memória coletiva e legitimação institucional (Bourdieu, 2007; Foucault, 2007).

O discurso religioso, por seu turno, trata-se de um sistema sociodiscursivo complexo, cuja especificidade reside na capacidade de sacralizar enunciados (Maingueneau, 2008b). Orlandi (1996) e Nascimento (2020) destacam a distinção entre discurso religioso *stricto sensu* (práticas discursivas relativamente informais de fé) e discurso teológico (sistematização normativa de dogmas), ambos inscritos em ecossistemas hierarquizados e autoautorizados. Além disso, Foucault (2007) e Portella (2006) ressaltam a imbricação entre disputas epistêmicas, controle social e produção de verdades hegemônicas nos espaços em que o discurso religioso tem penetração, demonstrando como instituições religiosas consolidam aparatos doutrinários por meio da midiatização e de outras estratégias de discurso (Melo, 2017; Fanti, 2012).

O objetivo deste trabalho é investigar os modos pelos quais se desenvolvem e se projetam as instâncias de fala no discurso religioso de um determinado manual de aconselhamento comportamental publicado no Brasil, cujo tema principal é o manejo da ansiedade. Para tanto, adota-se como instrumental a teoria da *semântica global* de Maingueneau (2008a), que propõe sete planos discursivos interdependentes para análise de círpus. Dois deles

<sup>2</sup> “O discurso é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte, e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma forma” (tradução nossa).



são operacionalizados: (1) o *estatuto do enunciador e do destinatário*, que examina a construção psicossociodiscursiva das posições enunciativas agenciadas na materialidade discursiva; e (2) o *modo de enunciação*, diretamente vinculado ao fenômeno do *éthos discursivo*.

## 2 Discurso e interdiscurso religioso: as vocalidades da fé

A presente investigação, propondo uma observação do discurso religioso, comprehende-o como um fenômeno complexo que interpenetra diversas esferas de atividade sociodiscursiva e que se configura na interseção entre elementos linguísticos, históricos, culturais e institucionais. A abordagem desse campo justifica-se pela necessidade de compreender como as práticas de comunicação estabelecem e legitimam sistemas de crença, valores simbólicos e orientações comportamentais, contribuindo para a formação de imaginários sociais e para a construção de identidades coletivas. Maingueneau (2008b) acredita que o estudo do discurso religioso demanda um exame que transcenda a mera descrição textual, exigindo a consideração das inter-relações entre diferentes modalidades discursivas e dos mecanismos de legitimação que sustentam os enunciados institucionais. Essa perspectiva possibilita identificar a heterogeneidade dos discursos que se articulam na prática religiosa, abarcando tanto as manifestações de ordem dogmática quanto as expressões mais informais e cotidianas de fé, as quais interagem de maneira complexa com o contexto sociocultural no qual estão inseridas.

A diversidade de gêneros discursivos presentes na esfera religiosa denuncia sua multifuncionalidade e sua capacidade de estruturar práticas sociais de maneira intrincada. Nesse sentido, a manifestação do discurso religioso não se restringe a textos institucionalizados, como sermões e livros sagrados, pois se expande para uma ampla gama de interações comunicacionais estabilizadas que ocorrem em contextos variados, desde encontros litúrgicos ritualizados até diálogos informais entre os crentes. Essa pluralidade de formatos discursivos propicia a constituição de uma rede de sentidos que dialoga com aspectos histórico-culturais e retóricos específicos, o que favorece a construção e a negociação de sentidos em um ambiente dinâmico e em constante transformação (Otabek *et al.*, 2022; Pihlaja, 2021).

No escopo de uma argumentação dogmática, o discurso religioso fundamenta-se na adesão a proposições de verdade que se apresentam como axiomas incontestáveis. Veljak (2019) destaca que a estruturação desses discursos, exemplificada pela doutrina da Igreja Católica, repousa na aceitação irrestrita de verdades apriorísticas, o que pode, em determinados contextos, estimular a incorporação de elementos pseudocientíficos na tentativa de corroborar tais dogmas. Em contrapartida, abordagens teológicas, conforme tratado por Orlandi (1996) e



Nascimento (2020), enfatizam uma sistematização normativa que medeia a relação entre o sagrado e o profano, delineando um ecossistema discursivo hierarquizado e autoautorizado, algo também enfatizado por Maingueneau (2009, 2015).

A tradição derivada do apóstolo Paulo de Tarso, especialmente na articulação da chamada *loucura da pregação*, ilustra de forma paradigmática o estabelecimento de um sistema discursivo religioso no cristianismo. Alarcón (2016) e a exegese bíblica<sup>3</sup> elucidam como a pregação de Paulo de Tarso transcende os limites da razão convencional ao propugnar uma sabedoria divina paradoxal, que, embora aparentemente irracional, aponta para uma lógica própria na construção dos significados ontológicos e simbólicos. Hernández (2022) e Rey (2006) corroboram essa interpretação, demonstrando que os recursos persuasivos empregados em tal contexto dialogam com outras esferas discursivas – por exemplo, a publicidade – sem, contudo, diluir o foco primordial na transcendência e na construção de identidades religiosas.

A observação das relações de poder intrínsecas à produção e à recepção do discurso religioso sinaliza a centralidade das instituições de fé, como a Igreja, e de seus especialistas na consolidação de um aparato doutrinário normativo. Fanti (2012) e Melo (2017) abordam, respectivamente, o emprego de *hiperenunciadores*<sup>4</sup> e a midiatização como mecanismos que sacralizam e ampliam o alcance dos enunciados religiosos. De seu lado, Portella (2006) e, sobretudo, Bourdieu (2007) oferecem reflexões teóricas para compreender a religião enquanto sistema de signos que estrutura imaginários sociais e coletivos. Essa visada analítica torna possível identificar as estratégias discursivas que não apenas difundem a fé, já que também reforçam relações de poder e hierarquias simbólicas, influenciando a percepção dos fiéis e a organização do espaço e da temporalidade das práticas religiosas.

É certo que a compreensão do discurso religioso não se limita à análise de suas dimensões textuais e normativas, estendendo-se à investigação dos dispositivos sociocognitivos que permeiam a atividade religiosa. Nessa direção, Emediato e Franco (2017) alegam que a cognição sociorreligiosa extrapola os espaços tradicionais de culto, manifestando-se em

---

<sup>3</sup> “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (Bíblia, 1 Cor. 1: 18).

<sup>4</sup> A categoria de *hiperenunciador*, cunhada pelo analista do discurso francês D. Maingueneau (p. ex., 2015), refere-se a uma instância abstrata de autoridade que valida enunciações partilhadas dentro de uma comunidade, frequentemente por meio do mecanismo enunciativo de *participação* (citação sem atribuição explícita). O hiperenunciador fundamenta o discurso na memória coletiva e reforça a identidade comunitária, manifestando-se de diversos modos, como “a sabedoria do povo” nos provérbios ou “o direito romano-germânico” nos adágios jurídicos. No contexto religioso, Deus, a Providência e mesmo as *escrituras sagradas* podem exercer essa posição hiperenunciativa.



práticas, tecnologias e estruturas tanto materiais quanto imateriais, que interagem de forma complexa e dinâmica. Além disso, a articulação entre o discurso religioso e outros grandes sistemas de comunicação, como o jornalístico e o publicitário, suscita debates que desvelam a interdiscursividade e a dinâmica de influência mútua entre esferas sociodiscursivas distintas. Revela-se, com isso, que a presença do discurso religioso em contextos midiáticos não apenas amplia sua disseminação, posto que interage com estratégias persuasivas que visam à construção de identidades e à legitimação de regimes simbólicos, conforme discutido por Assis e Melo (2017) e corroborado por Fanti (2012) e Melo (2017).

A legitimação da verdade no âmbito do discurso religioso configura-se como elemento basilar de seu funcionamento, manifestando-se por intermédio de mecanismos pedagógicos, retóricas normativas e estratégias de controle social. Foucault (2007) postula que a oficialização do discurso é intensamente permeada por disputas epistêmicas e políticas, ao passo que Portella (2006) defende que tais disputas de poder visam à consolidação de uma verdade hegemônica. Ademais, Heller (1972) argumenta que a vivência cotidiana da verdade é multifacetada e plural, o que desafia a rigidez das normativas institucionais.

No que diz respeito à distinção entre discurso religioso e discurso teológico, constata-se que essas categorias, embora apresentem especificidades próprias, integram, de forma abrangente, o conceito de discurso religioso *lato sensu*. Orlandi (1996) propõe que o discurso religioso em sentido estrito se caracteriza por sua comunicação espontânea e informal da dimensão sagrada, enquanto Nascimento (2020) sustenta que o discurso teológico se fundamenta em uma sistematização normativa, destinada à interpretação dos dogmas e à mediação entre o sagrado e o profano. Ademais, Maingueneau (2015) sugere que ambos os discursos convergem na categoria dos chamados *discursos constituintes*,<sup>5</sup> constituindo um sistema hierarquizado e autoautorizado que regula a produção de sentidos, o qual se insere em uma dimensão discursiva mais ampla.

A articulação dos mecanismos argumentativos no discurso religioso indica, de forma inequívoca, a utilização de estratégias retóricas que apelam à emoção, à intimidação e à tentação, mobilizando de maneira persuasiva os fiéis. Chnina (2022) demonstra, quando analisa o discurso de pregadores da *web*, que a intertextualidade se ancora em textos sagrados, como o Alcorão e a Sunna, propiciando uma argumentação que concilia elementos de exclusividade e pluralidade.

---

<sup>5</sup> Para Nascimento (2020), porém, apenas o discurso teológico seria de natureza constituinte.



A problematização do discurso religioso põe destaque em sua natureza dialética, no interior da qual coexistem dispositivos de controle social e espaços para contestação e resistência. Kibuuka *et al.* (2024), amparando-se nas premissas de Fairclough (1995), afirmam que o discurso religioso regula condutas e modela moralidades, ao mesmo tempo em que possibilita ressignificações próprias, tais como as promovidas pela teologia da libertação.<sup>6</sup> Pedrosa (2007) discorre acerca do desnívelamento entre o *enunciador* (representado pela divindade ou por seus intermediários) e o *coenunciador* (o fiel), ressaltando a tendência à imposição de uma interpretação única da palavra sacralizada. Além do mais, Campos e Zangari (2020) demonstram, por meio de uma pesquisa sobre o proselitismo televisivo, que a competitividade entre discursos de teologias exclusivistas intensifica a disputa pela adesão dos fiéis.

A investigação dos métodos e pressupostos epistemológicos que orientam o estudo do discurso religioso impõe desafios significativos, sobretudo no que tange à delimitação de suas fronteiras. Pihlaja (2021) e Otabek *et al.* (2022) ilustram, por meio da aplicação dos conceitos de análise pragmalinguística e sociolinguística – exemplificados no conceito de *sociolecto religioso* –, que a complexidade do fenômeno demanda a adoção de estratégias integradoras, as quais articulam diversas abordagens teóricas para possibilitar a compreensão dos mecanismos de circulação, transformação e ressignificação dos enunciados religiosos na contemporaneidade.

A interseção entre o discurso religioso e a saúde mental constitui uma área de investigação que impõe a análise crítica dos impactos das explicações espirituais sobre o adoecimento psíquico. Levin (2010) destaca a evolução teórica, desde a perspectiva freudiana, que interpretava a religião como manifestação de neuroses obsessivas, até abordagens atuais que reconhecem seu potencial tanto como fator protetor quanto como fonte de sofrimento. Akadinma (2021) atesta a carência de preparo do clero para atender demandas de saúde mental, à medida que França, Brazil e Elias (2022) e Lloyd, Mengistu e Reid (2022) demonstram que narrativas que espiritualizam o sofrimento podem estigmatizar indivíduos e dificultar a busca por intervenções terapêuticas fundamentadas em evidências. Diferentes estudos acrescentam que, apesar do suporte psicossocial oferecido por determinadas estruturas religiosas, o discurso

---

<sup>6</sup> Movimento político-teológico católico surgido na América Latina na década de 1960 que enfatiza a libertação dos oprimidos de condições injustas. Caracteriza-se pela opção preferencial pelos pobres e pela análise socioeconômica da pobreza, buscando uma transformação social à luz do Evangelho. Seu foco principal é a libertação integral dos marginalizados.



religioso de viés manipulador e autoritário pode, simultaneamente, favorecer a neoinstitutionalização do paciente psiquiátrico e agravar quadros psicopatológicos (Corrêa; Lima, 2024; Lotufo Neto, 1997; Silva; Santos, 2023; Sung; Silva, 2022).

### 3 Discurso religioso e manuais de aconselhamento comportamental

Dentre os domínios de prática social em que o discurso religioso pode manifestar-se, cabe conferir especial destaque à esfera dos conselhos e orientações de conduta. Nesse âmbito, insere-se o gênero discursivo dos *manuais de aconselhamento comportamental* (Nunes, 2024), os quais, segundo a observação de Brunelli (2005), alicerçada na análise proposta por Maingueneau (2008a), erigem um enunciador que busca legitimar-se por meio de estratégias enunciativas que evocam certeza e objetividade. Esse gênero, apropriando-se de elementos do imaginário religioso, visa oferecer orientações, conforto e soluções para demandas individuais, frequentemente projetando a figura autoral como a de um líder religioso (Oliveira, 2021). Textos canônicos, a exemplo da Bíblia, já evidenciam essa interconexão intrínseca entre aconselhamento e religião (Bessa, 2010), relação esta amplificada em obras contemporâneas de *self-help*, mormente aquelas de cunho explicitamente religioso, que buscam atender a necessidades emocionais e espirituais em um contexto sociocultural específico (Martins; Azevedo, 2016). Tais textos, sob o ponto de vista modal, manifestam conteúdos volitivos, expressando desejos, vontades e intenções dos enunciadores com o propósito de recomendar, prescrever e admoestar (Oliveira, 2021).

A ascensão dessa chamada literatura de “autoajuda” na ultramodernidade correlaciona-se a fenômenos como o individualismo, a cultura de massas e a democratização da informação (Martins; Azevedo, 2016). Brunelli (2005) ressalta que esse tipo de literatura projeta uma *cenografia*<sup>7</sup> que evoca a imagem de um indivíduo confiante, seguro e direcionado para a ação, um *éthos*<sup>8</sup> construído para inspirar credibilidade, articulando elementos religiosos, pseudocientíficos e psicológicos para promover o autoconhecimento e o encorajamento individual. Entretanto, a despeito de sua penetração social, a literatura de aconselhamento

<sup>7</sup> Para Maingueneau (2013), a cenografia refere-se à espacialidade discursiva construída no e pelo discurso (e não aquela espacialidade “real”, proveniente da situação imediata de comunicação), que orienta e limita sua interpretação, funcionando como um elemento de ancoragem para o coenunciador ao estabelecer as condições de recepção. Esse conceito está vinculado à organização dos gêneros de discurso e à forma como a linguagem estrutura contextos enunciativos, influenciando a percepção do *éthos* discursivo e do debate público.

<sup>8</sup> O conceito de *éthos*, no interior da proposta analítico-discursiva de Maingueneau (2008a, 2023) será desenvolvido na seção do método, uma vez que constitui importante ferramenta para exame do *corpus* selecionado para este estudo.



religioso (e, *a fortiori*, aquela não explicitamente religiosa, mas com estratégias discursivas semelhantes) é alvo de críticas. Aponta-se seu caráter reiterativo e simplificador (Bessa, 2010), além de estratégias de manipulação visando ao lucro (Pinheiro; Silva, 2015), utilizando a religião para vincular a fé a ideologias de prosperidade. Brunelli (2005), aplicando o conceito de *incorporação* (Maingueneau, 2013), argumenta que esses discursos induzem o coenunciador a identificar-se com a *cena enunciativa*, adotando uma forma de habitar o mundo que se apresenta como norma. A busca por soluções rápidas e a ética do “ajude-se a si mesmo” podem, de acordo com Pinheiro e Silva (2015), levar à alienação e desviar a atenção dos condicionantes sociais dos problemas humanos.

A absorção de elementos religiosos na literatura de aconselhamento aponta para uma complexa articulação entre autoridade moral e estratégias mercadológicas. A integração de citações e conceitos extraídos de textos religiosos, dentre os quais a Bíblia tem destaque, busca legitimar proposições de crescimento pessoal, mas essa apropriação frequentemente desconsidera os contextos teológicos originais (De Beer; Du Rand, 2021), sendo seletiva e visando ampliar o alcance do público sem implicar adesão plena às doutrinas.

A espiritualidade presente em muitos manuais de aconselhamento caracteriza-se por um sincretismo pragmático, agregando fragmentos de diversas tradições religiosas e filosóficas, notadamente o cristianismo, para oferecer soluções aplicáveis (De Beer; Du Rand, 2021). Essa dinâmica converge com modalidades contemporâneas de espiritualidade, que privilegiam a construção individualizada de crenças. Conceitos como “conexão universal” e “princípios espirituais” são ressignificados e desvinculados da densidade teórica e da especificidade histórica das tradições religiosas. Constatase, portanto, uma atenuação da complexidade doutrinária e das dimensões éticas e transcedentais (De Beer; Du Rand, 2021).

Por seu turno, Leite (2019) postula que o discurso de aconselhamento acompanha a lógica do sistema capitalista, munindo-se de mecanismos interdiscursivos e cenográficos de autoridade, como a psicologia e a terapia, para reforçar o individualismo e a responsabilização pessoal. Por essa razão, a literatura de conselhos comportamentais pode ser interpretada, no entender de Leite (2019), como reflexo das demandas do sujeito contemporâneo em face das transformações do trabalho, provocando um afastamento das condições material-objetivas de existência e das desigualdades sociais.

#### 4 Método



Este estudo, de fulcro qualitativo, baseia-se em uma análise discursiva do conteúdo textual da obra de aconselhamento comportamental intitulada *Como controlar e vencer a ansiedade?*, publicada pela primeira vez em 2018 sob o selo da editora Canção Nova. A obra é assinada por Adriano Zandoná.

Vilmar Adriano Zandoná define-se publicamente como um sacerdote católico. Nascido em São Paulo (SP) em 1982, mudou-se aos dois anos para o Paraná, onde viveu em Primeiro de Maio e em Londrina. Descendente de imigrantes italianos, cresceu em uma família que valorizava a fé cristã. Ingressou na comunidade Canção Nova em 2004 e, no ano seguinte, iniciou seus estudos no seminário. Possui incardinação canônica na diocese de Lorena (SP) e é graduado em filosofia e teologia. Além de cantor religioso, Adriano Zandoná é membro da direção artística da emissora de televisão Canção Nova.

O alicerce teórico-metodológico do presente trabalho é a proposta da *semântica global* (Maingueneau, 2008a), inscrita no quadro das tendências francesas da AD. Para Maingueneau, existe um sistema de elementos coercitivos presentes em um discurso, que resulta no que ele chama de semântica global. Esta se compõe de um conjunto de planos, que governam todas as dimensões do discurso, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação. O autor postula que a produção e a disseminação dos discursos em uma determinada conjuntura estão organizadas de acordo com sistemas de restrições semânticas específicas para cada posicionamento discursivo. Dos sete planos discursivos que Maingueneau (2008a) relaciona em sua abordagem,<sup>9</sup> são mobilizados dois para a análise do *corpus*: o *estatuto do enunciador e do destinatário* e o *modo de enunciação*.

O estatuto dos parceiros de linguagem é o plano que examina a forma com a qual o discurso opera a relação entre os agentes de linguagem, definindo o *status psicossociodiscursivo* que o enunciador deve conferir a si mesmo e aquele que deve conferir ao coenunciador para validar sua fala. Já o modo de enunciação se refere à *maneira de dizer* revelada pelo discurso, que remete a uma *maneira de ser*. Ainda que escrito, o discurso detém certa vocalidade, que é fiadora de um *caráter* e de uma *corporalidade* projetados por quem enuncia, conforme afirma Lara (2020).

O modo de enunciação representa o que Maingueneau (2008a) associará, em obras posteriores, ao conceito de *éthos discursivo*. A palavra tem origem no grego antigo, significando “caráter”, “costume” ou “hábito”. O *éthos* está diretamente relacionado à credibilidade e à

<sup>9</sup> Os demais planos elencados pela semântica global de Maingueneau (2008a) são o *modo de coesão*, a *intertextualidade*, os *temas*, o *vocabulário* e a *déixis enunciativa*.



autoridade do orador, traduzindo-se como a imagem que o orador apresenta ao público durante o processo discursivo. A ideia é que, ao demonstrar virtudes como sabedoria, honestidade, integridade, competência ou boa vontade, o orador adquire a confiança da audiência e, assim, torna seus argumentos mais persuasivos.

## 5 Análise semântico-global de *Como controlar e vencer a ansiedade?*

Com respeito ao plano do estatuto do enunciador e do destinatário, tem-se que, logo na primeira orelha do livro, o enunciador-autor adianta-se a respeito do perfil que espera de seu destinatário-alvo. Ao sugerir, por inferência, que a ansiedade seria resultado de um estilo contemporâneo de vida, caracterizado por muita cobrança e exigência, ele exorta seu auditório a aprender a se acalmar “de dentro para fora”, isto é, a partir de um processo de autorregulação, mediante o qual se abandonam preocupações de menor relevância para focar no que ele chama de “verdadeiras prioridades”. Seu público deve, então, deduzir a que *verdadeiras prioridades* o enunciador está se reportando. É nesse momento que se reproduz um trecho da Bíblia, mais especificamente quatro versículos do capítulo 6 do livro de Mateus, um texto do Novo Testamento cristão:

Portanto, não fiqueis inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? [...] Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso. Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã terá sua própria preocupação. A cada dia basta o seu mal (Bíblia, Mt 6: 31-34, citado por Zandoná, 2018, primeira orelha).

Com essa citação, o enunciador de Zandoná (2018) dá início à construção da figura de seu parceiro de linguagem enquanto um sujeito que professa a religião cristã. Mais que isso, o enunciador faz entender o papel da fé em Deus como questão de primazia na vida, diante das incertezas que a instabilidade e a liquidez do mundo contemporâneo (Bauman, 2001) impõe ao ser humano.

Nessa perspectiva, o coenunciador não é apenas cristão; ele deve conferir legitimidade à fala de uma pessoa que se define como *padre*, já que tal informação é apresentada logo na capa da obra, como um título atribuído ao sujeito-autor psicossocial Adriano Zandoná.<sup>10</sup> Além disso, o manual apresenta orações religiosas elaboradas pelo próprio autor ao término da

---

<sup>10</sup> O autor da obra, portanto, projeta-se, como enunciador a partir de uma legitimidade que lhe foi outorgada pelo sacerdócio.



maioria dos capítulos que o compõem; em algumas ocasiões, o enunciador introduz essas orações com a injunção *rezemos juntos*. Também se deve mencionar que o enunciador faz referência, ao longo da obra, a personalidades históricas da filosofia patrística e escolástica, como Santo Agostinho e Santo Afonso de Ligório (01). A imagem do padre, o uso do lexema *rezar* e a remissão (sobretudo em forma de citação) a homens santificados como fonte de conhecimento indicam um sistema de restrições semânticas que só poderia estar vinculado ao discurso católico. Portanto, a obra dirige-se, idealmente, a um fiel dessa vertente do cristianismo.

(01) Afirmou Santo Agostinho: “Vive bem quem reza bem”, e Santo Afonso Maria de Ligório completou: “Quem reza se salva, quem não reza se perde” [...]. São Pio de Pietrelcina também afirmou que “o melhor conforto é aquele que vem da oração” [...]. [p. 106-107]

Em diferentes passagens, o enunciador, dirigindo-se ao destinatário, preocupa-se com a marcação morfológica do gênero feminino (02). Essa característica, bastante observável em Zandoná (2018), está ligada à intenção de expandir o alcance da voz enunciadora para um público diverso em termos de identidade de gênero e também de identidade socioprofissional (03), provavelmente como forma de contrabalançar a já aludida restrição do auditório à comunidade de fiéis católicos.

Ademais, observa-se que, em (03), o enunciador emprega a locução nominal *dona de casa* apenas na modalidade feminina, sugerindo não admitir que homens possam identificar-se com essa atividade, o que se avalia como evidência de um posicionamento discursivo conservador em relação a papéis de gênero socialmente estabelecidos.

(02) Vida agitada, excesso de informações, pressão e stress somam-se, gerando este desajuste que tem prejudicado muito a qualidade de nossa vida. Tudo isso não pode ser desprezado ou subestimado. É hora de encarar essa realidade de frente, e você, está *pronto(a)?* [p. 70, destaque nosso]

(03) *Seja você pai, mãe, filho(a), médico(a), juiz(a), professor(a), aluno(a), pedreiro(a), dona de casa, motorista(a) [sic], padre, consagrado(a), jovem, ancião ou adolescente, não tenha medo de mudar seu estilo de vida e obedecer a Deus* [...]. [p. 139, destaque do original]

É igualmente relevante a disposição psicológica que se espera do coenunciador de Zandoná (2018). Esse sujeito precisa reconhecer-se na imagem de alguém desesperado, que



sofre por algo a que chama ansiedade e que demanda do discurso de aconselhamento uma solução para seu desconforto. No entanto, a laicidade comum em outras obras de aconselhamento e que possibilita uma relação direta entre os parceiros de linguagem, é substituída em Zandoná (2018) por um quadro cênico no qual o enunciador porta-se como um *mediador* do contato entre seu leitor e Deus, que se entende como um hiperenunciador (Maingueneau, 2015).

Como já se afirmou, em Zandoná (2018), o enunciador recobre-se de um estatuto de intercessão entre Deus e o destinatário-fiel. A instância locutora em tal discurso promove essa disposição cênica ao apoiar-se no *éthos* de sacerdote, uma das imagens mais evidentes em seu dizer, constituindo-se em um importante recurso de atenuação do dogmatismo típico do aconselhamento. Isso se deve ao fato de que, como agente mediador, o sacerdote dilui sua responsabilidade enunciativa, atribuindo parte de seus mandamentos ao poder do divino ou da *fé no divino*.

Estratégias como essa, de mitigação da postura de dominação do enunciador frente a seu parceiro de linguagem são bastante frequentes na literatura de aconselhamento (Nunes, 2024). A extensão dos efeitos pretendidos no coenunciador é, porém, de difícil delimitação. Em Zandoná (2018), por exemplo, o estatuto de mediador religioso conferido pelo *éthos* sacerdotal concorre com a existência de inúmeros enunciados explicitamente injuntivos (04) e com um tom alarmista e intimidador que é prontamente absorvido pelo leitor (05 e 06). A proverbialização do discurso é também verificada em Zandoná (2018) e promove um sujeito que evoca verdades e princípios não susceptíveis de questionamento, o que termina por favorecer o caráter dogmático de seu *éthos* (07).

(04) [...] Não se compare com os outros nem desanime quando os resultados não vierem instantaneamente; tenha calma e compare-se apenas com você mesmo [...]. [p. 30]

(05) De nada adiantará você – ou eu – tomar remédio para conter a ansiedade, se antes você não se decide a fazer uma verdadeira faxina emocional, limpando seu “cômodo interior” [...]. [p. 75]

(06) *Se vivermos do jeito Dele, Sua providência irá nos sustentar em tudo, cuidando de nós e de nossa família. É uma questão de acreditar ou não. Ou nosso coração se dispõe à confiança neste Deus amoroso que deseja cuidar de nós, ou escolheremos viver confiando apenas em nós mesmos e em nossos esforços humanos, sentindo sempre o peso da incerteza em relação ao futuro e às necessidades que teremos.* [p. 137-138, destaque do original]



(07) *A paciência é uma virtude, não um defeito. E assim precisará ser compreendida e vivenciada.* [p. 30, destaque do original]

São abundantes em Zandoná (2018) os modalizadores deônticos, sobretudo a locução *ser preciso* (08). Furlan (2014) indica que a modalização deôntica, caracterizada pela demonstração do valor de necessidade que o enunciador atribui a seu próprio conteúdo proposicional, é um evento linguístico-discursivo bastante comum na *self-help*. Ela está associada tanto a uma defesa de mundos éticos ideais esperados pelo enunciador quanto a uma orientação de conduta especificamente dirigida ao leitor. Nesse último caso, o enunciado modalizado estabelece-se como uma injunção em configuração implícita (09), buscando dissolver a complexão autoritária que uma ordem direta soaria ao coenunciador.

(08) Será preciso também lutar para evitar as situações que sabemos que nos gerarão estresse, tais como: discussões infrutíferas, determinados horários no trânsito [...], certos tipos de filmes, músicas, bebidas, assuntos etc. [...]. [p. 102]

(09) Além de desenvolvermos a autoempatia de sabermos nos respeitar, será muitíssimo necessário aprendermos a agir de maneira mais inteligente [...]. [p. 95]

O enunciador parece, contudo, dar-se conta de que a modalização deôntica da necessidade não é suficiente para conter a inflexão sentenciosa, categórica, de seu dizer. É por essa razão que abundam no discurso de Zandoná (2018) operadores circunstanciais, sendo eles responsáveis por imprimir um sentido de *especificação* ou de *adiamento do dever de cumprir* [o conselho]. O mecanismo aqui consiste em sugerir ao destinatário que o mandamento, embora normativo, é válido apenas em determinados contextos, e não implica o leitor de forma imediata (10 e 11).

(10) *Por vezes, precisaremos também mudar a maneira como recebemos e processamos as informações, não nos deixando alarmar e inquietar com as más notícias e tragédias deste mundo [...].* [p. 120, destaque nosso]

(11) *Em algumas situações*, do mesmo modo, necessitaremos mudar o foco da maneira como nos alimentamos, começando a comer melhor. Um tipo de alimentação muito errada pode contribuir diretamente para alterar nosso humor, tornando-nos presa fácil para a ansiedade. [p. 121, destaque nosso]

Constata-se, além disso, a presença relevante de enunciados de valor condicional. Sentenças com essa orientação argumentativa visam estabelecer nexo causal entre condutas



desejáveis e resultados benéficos ao leitor aconselhado; do mesmo modo, também visam demonstrar causalidade entre comportamentos indesejáveis e resultados desfavoráveis ao destinatário. A dimensão instrucional que se verifica em atos de linguagem como o *aviso* e a *ordem* manifesta-se pragmaticamente nessas construções condicionais, bastante recorrentes em Zandoná (2018), como se pode observar em (12) e em (13). Sob o ponto de vista do *éthos*, embora atenuem o tom dogmático do discurso, muitos desses enunciados condicionais contribuem para a estabilização da vocalidade alarmista e urgente.

(12) [...] Quando nos apegamos demais às coisas, pessoas e situações, tendemos a nos tornar ansiosos e agitados diante do receio de perder tais realidades [...]. [p. 50]

(13) Se não conseguimos nos reconciliar com nossa própria história [...], dificilmente seremos capazes de superar a ansiedade e realmente equilibrar as coisas em nossa mente e em nosso coração. [p. 76]

É pertinente frisar a presença massiva do operador discursivo *é claro que* (14 e 15), expressando a ideia de que o enunciador se mostra verdadeiramente compreensivo em relação a alguma circunstância negativa ou a um desafio imposto ao destinatário. Como se pode esperar, esse movimento objetiva fixar o caráter empático do enunciador, afastando-o de uma posição autoritária, que não reconhece as adversidades experimentadas por aquele com quem fala.

(14) [...] diante de todos os estímulos e riscos apresentados, precisaremos nos esmerar em nos conhecermos verdadeiramente no ponto em que estamos [...]. É claro que essa tarefa de se compreender é um tanto desafiante, pois nem sempre será fácil realmente entender o porquê agimos e reagimos como o fazemos [...]. [p. 83]

(15) É claro que em um contexto tão complexo e exigente como o que vivemos, seria – no mínimo – estranho se tais realidades [nossas necessidades básicas] não nos causassem nenhuma preocupação, visto que elas não são secundárias e devem mesmo ocupar nossa atenção [...]. [p. 136]

A propósito, o tom acolhedor e compreensivo é percebido por todo o percurso discursivo da obra (16). Em Zandoná (2018) deve-se mencionar que o agenciamento, ao longo de todo o discurso, das cenografias psicoterapêutica e de orientação espiritual asseguram essa voz que inspira cuidado e empatia por parte do enunciador. No entanto, o último capítulo (*Quinto segredo: estimule a confiança e a fé*), de conteúdo mais dogmático que os anteriores, é caracterizado por uma vocalidade sensivelmente intimidadora e alarmista (17).



(16) Por mais que você hoje esteja sofrendo em virtude da ansiedade, por mais que reconheça que não consegue controlá-la adequadamente e que, por isso, várias áreas de sua vida já estão sendo afetadas, saiba que haverá sempre uma forma de regressar vivendo um real caminho de cura e transformação [...]. [p. 15]

(17) Temos apenas uma opção diante de nós: ou cremos, ou não; ou confiamos, ou não. Se você, de fato, “busca em primeiro lugar o reino de Deus e Sua vontade”, tudo mais – até mesmo o que você ainda não pediu – “lhe será dado em acréscimo” [...]. [p. 140]

Além do que foi trazido nessa breve análise, menciona-se que, ao se examinar o manual de Zandoná (2018) sob a lente do modo de enunciação, resta claro que a instância locutora, buscando apresentar um discurso de autoridade e acolhimento, corre o risco de manifestar *antiéthe*, ou seja, imagens disforizadas de si, em princípio indesejadas, que o leitor pode assimilar. O sujeito enunciador, por exemplo, pode ser percebido como *parcial*, priorizando uma abordagem cristã para lidar com a ansiedade, o que o torna *pouco objetivo* e, consequentemente, *pouco técnico*. Além disso, a linguagem empregada pode soar antiquada e dogmática, transmitindo uma visão *inflexível* e pouco aberta a outras perspectivas. As informações e os conselhos, revestindo-se de uma vocalidade por vezes alarmista ou fatalista, pode projetar uma autorrepresentação *exagerada* ou *ameaçadora*, e a repetição de ideias pode tornar a leitura do manual *cansativa*.

## 6 Considerações finais

A análise do manual *Como controlar e vencer a ansiedade?* (Zandoná, 2018), fundamentada na semântica global de Maingueneau (2008a), demonstrou a estrutura discursiva complexa que caracteriza a obra como um mecanismo de formação de subjetividades religiosas. A aplicação dos planos do estatuto dos parceiros de linguagem e do modo de enunciação evidenciou a elaboração de um *éthos* sacerdotal, sustentado pela autoridade institucional e pela mediação de um hiperenunciador divino. A recorrência a citações bíblicas e a referências a figuras como Santo Agostinho não apenas validam o discurso, mas o vinculam a uma tradição hermenêutica que privilegia a dimensão transcendental em detrimento de fatores materiais, conforme discutido por Nascimento (2020) em sua reflexão sobre discursos constituintes. Por posicionar o enunciador como intercessor entre o sagrado e o mundano, essa estratégia reforça a hierarquia simbólica própria do discurso religioso, consolidando um sistema de verdades inquestionáveis que direcionam a conduta do destinatário.



A relação dialética entre normatividade cristã e adaptação às demandas contemporâneas manifestou-se na combinação de injunções diretas<sup>11</sup> com recursos de mitigação, como operadores circunstanciais (“por vezes”) e construções condicionais (“se... então”). Contudo, mesmo diante dessa aparente flexibilidade, a estrutura argumentativa preserva uma polarização entre a adesão à fé (associada à promessa de intervenção divina) e a descrença (vinculada à ansiedade como consequência da fragilidade humana). Essa dualidade, característica dos discursos religiosos autorreferenciados, gera tensão na construção do *éthos* discursivo, oscilando entre a empatia retórica (as reiteradas enunciações da construção “é claro que”, por exemplo) e a imposição de normas morais, o que corrobora, em certo aspecto, a observação de Bourdieu (2007) sobre a religião como sistema simbólico legitimador de relações de poder.

A interface entre discurso religioso e saúde mental emergiu como ponto crítico de análise, apontando, em Zandoná (2018), a subordinação de explicações psicológicas a preceitos espirituais, como no adágio cristão “buscai primeiro o reino de Deus”. A incorporação de analogias simplificadas sobre processos mentais, como a noção de necessidade de limpeza do “cômodo interior” (Zandoná, *ibidem*, p. 75), à retórica religiosa dualista não apenas atomiza a complexidade etiológica da ansiedade, mas também é capaz de reproduzir lugares-comuns e mitos sobre o sofrimento mental e seu tratamento. Ademais, a manutenção de estereótipos de gênero (“dona de casa” como uma categoria exclusivamente feminina) expõe a adesão do discurso religioso a estruturas conservadoras, mesmo em contextos que pretendem abordar questões contemporâneas. Tais resultados, de maneira geral, coadunam-se às críticas de Levin (2010) e França, Brazil e Elias (2022) sobre a espiritualização do sofrimento, que pode dificultar o acesso a intervenções terapêuticas baseadas em evidências científicas.

Como limitação do presente estudo, ressalta-se a análise restrita ao *corpus* composto por um único material textual, o que restringe a generalização dos achados para outros gêneros de aconselhamento comportamental. Pesquisas futuras poderão expandir o escopo investigativo mediante comparações sistemáticas entre manuais católicos, evangélicos e seculares, incorporando métodos quantitativos (como análise estatística de padrões lexicais) para identificar tendências discursivas em larga escala. A integração com abordagens críticas do discurso (Fairclough, 1995) permitirá examinar de forma mais detida as relações de poder implícitas na regulação de condutas, ao passo que estudos de recepção, por meio de entrevistas

<sup>11</sup> Como exemplo, “não se compare com os outros” (Zandoná, 2018, p. 30), “tenha calma” (*ibidem*, p. 30), “mude seu estilo de vida” (*ibidem*, p. 139), “obedeça a Deus” (*ibidem*, p. 139) e “evite situações estressantes” (*ibidem*, p. 102).



ou questionários destinados a consumidores da literatura de aconselhamento religioso, poderão avaliar o impacto efetivo das estratégias discursivas identificadas. Por fim, a relação entre discurso religioso e políticas públicas de saúde carece de investigação aprofundada, demandando abordagens interdisciplinares que elucidem os mecanismos de influência simbólica dessas práticas languageiras em contextos de grande relevância social.

## 7 Referências

- AKADINMA, E. P. Mental illness and discourse: the need for more education among clergy regarding how to manage mental health needs in their congregation. **International Journal of Nursing Student Scholarship**, [s. l.], v. 8, art. 52, p. 1-15, 2021.
- ALARCÓN, V. La “reconstrucción” de la antinomia creencia y racionalidad: del símbolo profético a la locura de la predicación. **Ideas y Valores**, [s. l.], v. LXV, n. 2, p. 95-106, 2016.
- ASSIS, D. S.; MELO, M. S. S. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *de frente com Gabi*. **Cadernos Discursivos**, Catalão (GO), v. 1 n 1, p. 99-118, 2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale**. Paris (França): Gallimard, 1966.
- BESSA, D. B. **Literatura de autoajuda cristã**: em busca da felicidade ainda na terra e não só para o céu. São Paulo: FAPESP, 2010.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Trad. Padre Antônio P. de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Ed. ecumênica.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introd., org. e selec. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRUNELLI, A. F. O *ethos* da auto-ajuda. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 27-51, 2005.
- CAMPOS, B. M.; ZANGARI, F. O discurso religioso na mídia de massa. **Paralellus**, Recife, v. 11, n. 26, p. 131-147, 2020.
- CHNINA, Z. L'analyse du discours religieux: cas des prêcheurs du web. **Akofena**, [s. l.], v. 3, n. 5, p. 359-374, 2022.
- CORRÊA, L. M.; LIMA, R. C. A tendência à neoinstitutionalização e o discurso religioso: elementos de análise para a reforma psiquiátrica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 4, e230288pt, p. 1-13, 2024.
- DE BEER, F. J.; DU RAND, J. A. The role of spirituality in facilitating personal development according to the Pauline corpus. **In die Skriflig**, [s. l.], v. 55, n. 1, a2677, p. 1-9, 2021.



EMEDIATO, W.; FRANCO, E. A. Discurso religioso, argumentação e cognição da fé. In: MELO, M. S. S. (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017. p. 197-217.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge (Reino Unido): Polity Press, 1995.

FANTI, M. R. N. O papel do interdiscurso no discurso religioso da comunidade Canção Nova. **VERBUM: Cadernos de Pós-Graduação**, [s. l.], n. 2, p. 51-61, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANÇA, C. A. P.; BRAZIL, D. M. M.; ELIAS, L. R. Análise do discurso religioso sobre a ansiedade. **Estudos de Religião**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 5-21, 2022.

FURLAN, M. M. **Cenografia e ethos discursivo nas obras de autoajuda para adolescentes**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

HELLER, A. **O quotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HERNÁNDEZ, A. F. El problema del significado en el discurso religioso. **Revista de Investigaciones Universidad del Quindío**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 97-108, 2022.

IVAN, M. V. Le concept de discours. Les types de discours. **Studii și Cercetări Filologice: Seria Limbi Străine Aplicate**, Pitești (Romênia), v. 14, p. 21-25, 2015.

KIBUUKA, B. G. L. et al. O discurso religioso: sentidos, práticas e dissensos. **Estudos de Religião**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 3-10, 2024.

LARA, G. M. P. A semântica global em análise do discurso. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; LARA, G. M. P. (org.). **Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas (SP): Pontes, 2020. p. 79-99.

LEITE, E. S. Por uma sociologia da autoajuda: o esboço de sua legitimação na sociedade contemporânea. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 917-932, 2019.

LEVIN, J. Religion and mental health: theory and research. **International Journal of Applied Psychoanalytic Studies**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 102-115, 2010.

LLOYD, C. E. M.; MENGISTU, B. S.; REID, G. “His main problem was not being in a relationship with God”: perceptions of depression, help-seeking, and treatment in evangelical christianity. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 13, art. 831534, p. 1-12, 2022.

LOTUFO NETO, F. **Psiquiatria e religião**: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. 1997. 354 f. Tese de obtenção do título de livre-docente – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: Departamento de Psiquiatria da USP, 1997.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, 2007.



MAINGUENEAU, D. **Gêneze dos discursos.** Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, D. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. v. 1.

MAINGUENEAU, D. Introduction: la difficile émergence d'une analyse du discours religieux. **Langage et société**, [s. l.], n. 130, p. 5-13, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** Trad. Maria Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise de discurso.** Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTINS, J. M. P.; AZEVEDO, F. Por que leem os jovens literatura de autoajuda? Reflexões sobre *O céu existe mesmo*, de T. Burpo e L. Vincent. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá (PR), v. 38, n. 2, p. 253-262, 2016.

MELO, M. S. S. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religiosa. In: MELO, M. S. S. (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017. p. 131-148.

NASCIMENTO, J. V. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, J. V.; FERREIRA, A. (org.). **Discursos constituintes.** São Paulo: Blucher Open Access, 2020. p. 34-59.

NUNES, F. L. **Representações de si no discurso de manuais de aconselhamento comportamental:** elaboração e gestão de éthe na literatura de autoajuda. 2024. 218 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2024.

OLIVEIRA, A. S. A modalidade volitiva no discurso de autoajuda religioso do padre Reginaldo Manzotti. **Revista do GELNE**, Natal, v. 23, n. 2, p. 132-145, 2021.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 1996.

OTABEK, B. *et al.* Defining the concepts of religious discourse, religious sociolect, and religious style. **Journal of Positive School Psychology**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 1573-1577, 2022.

PEDROSA, C. E. F. Discurso religioso: funções e especificidade. **SOLETRAS**, São Gonçalo (RJ), ano VII, n. 13, p. 38-45, 2007.

PIHLAJA, S. Analysing religious discourse: introduction. In: PIHLAJA, S. (ed.). **Analysing religious discourse.** Cambridge (Reino Unido): Cambridge University Press, 2021. p. 1-10.

PINHEIRO, V.; SILVA, I. A. L. Livros de autoajuda: *marketing* e religião. **PLURAIS**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 80-94, 2015.



PORTELLA, R. Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 567-576, 2006.

REY, J. Publicidad y religión: semejanzas y diferencias entre el discurso publicitario y el discurso católico. **Trípodos**, Barcelona (Espanha), n. 18, p. 65-94, 2006.

SILVA, L.; SANTOS, F. A. S. A religião, discurso religioso e saúde mental. **REFLEXUS**, [s. l.], ano XVII, n. 1, p. 91-107, 2023.

SUNG, J. M.; SILVA, P. A. G. Sofrimento social, religião e neoliberalismo: um testemunho de fé que afirma a sua humanidade. **Estudos de Religião**, v. 36, n. 2, p. 247-270, 2022.

VELJAK, L. Filozofija između diskursa religije i diskursa znanosti. In: VUKASOVIĆ, D. M.; MATIĆ, P. (ed.). **Diskurs i politika: discourse and politics**. Belgrado (Sérvia): Institute for Political Studies, 2019. p. 47-58.

ZANDONÁ, A. **Como controlar e vencer a ansiedade?** Cachoeira Paulista (SP): Canção Nova, 2018.